

humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



Bucareste, Sofia e Iasi. Uma bibliografia abundante é colocada no princípio do volume, pois para ela remete o estudo de cada topónimo.

Um grande mapa anexo, na escala de 1 : 1.000.000 assinala todas as localidades que puderam ser situadas com segurança. De outras há apenas notícias vagas, pelo que são descritas no *índice*, mas não marcadas na *tabula*. Para explicar o mapa, a obra apresenta um completo índice alfabético de todos os topónimos. Vem sempre em primeiro lugar a designação latina, seguida por vezes do equivalente actual. Sobre cada localidade indicam-se as suas coordenadas geográficas, a província a que pertenceu na Antiguidade e em que se situa actualmente, uma breve resenha da sua história, o seu valor arqueológico e a bibliografia pertinente. Em muitos casos transcrevem-se mesmo passos de autores latinos ou inscrições encontradas no local.

Trata-se de um trabalho minucioso, feito com grande rigor científico, digno de todo o apreço e que deverá servir de estímulo a outros países que ainda não levantaram a sua carta topográfica da ocupação romana no seu território. O valor didáctico da obra é evidente.

J. G. F.

VIMALA DEVI E MANUEL DE SEABRA — **A literatura indo-portuguesa**,
Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1970, I vol. 369 pp.;
II vol. Antologia, 448 pp.

Os autores dispõem de vasta cultura histórico-literária, tendo produzido uma obra modelar, de verdadeiro nível científico. O cap. II (pp. 39-68) é dedicado à língua na Goa portuguesa. Aí se agitam questões de grande interesse filológico, dado que o português não é, no território em estudo, senão um *superstato*. Há uma busca sobre a língua dos aborígenes, possivelmente dravídica, depois dominados por elementos brâmanes, de origem indo-europeia. Assim se explica a persistência do sânscrito nos livros sagrados e a do *concanim* como língua comum. Prova-se que o *concanim*, através do *prácrito*, está mais próximo do sânscrito do que o *marata*. Incompreensivelmente, a dominação portuguesa nunca se interessou pelos aspectos linguísticos do *concanim*, contra o qual se tomaram até severas medidas. Por isso está por fixar ainda hoje um sistema seguro e oficial de transliteração para o alfabeto romano. Após estes aspectos gerais, estudam-se (pp. 56-57) os lusitanismos entrados no *concanim*, os quais, segundo S. R. Dalgado, atingem cerca de 10% do vocabulário coloquial e, em seguida, as características fonéticas, morfológicas e sintácticas do português de Goa (pp. 57-60).

A presença portuguesa tendeu em grande parte à ocidentalização da cultura goesa. Assim, nas numerosas escolas abertas no século XVI estudava-se latim e a própria gramática portuguesa era ensinada conjuntamente com a latina (pp. 92-93). E não se esqueça que entre os primeiros escritores oriundos de Goa se encontra o P.^o André Baião (1556-1640), o qual «traduziu *Os Lusíadas* para latim e a *Eneida* para grego» (p. 108).

A cultura goesa resulta de uma simbiose entre o hindu nativo e o cristão adoptivo. Este duplo elemento entrou muitas vezes em conflito de consciência, outras foi superado artisticamente. Não é nossa intenção indicar aqui sequer os principais escritores luso-indianos. Parece-nos, porém, proveitoso referir os que evocam o mundo da filologia indo-europeia.

A literatura indiana e goesa volta-se com frequência para os primitivos e longos poemas narrativos que são o *Bhagavad-Gîtâ*, o *Râmâyana* e o *Mahâ-bhârata* (p. 193). O romance e o conto goeses utilizam temas da lenda popular e do folclore. José Paulo Diniz apresentou em Lisboa, ao Curso Superior de Letras, em 1869, uma tese sobre *Sávitri e Alcestitis, Damayanti e Penélope*, estudando aí as semelhanças entre elementos mitológicos da civilização indiana e grega. Num plano mais vasto, Gerson da Cunha publicou, em 1878, em Bombaim, um ensaio *Sobre as vicissitudes da civilização ariana na Índia*.

Os Autores consagram parte do cap. XIV à *Linguística* (pp. 270-275). Além de gramáticas e dicionários sobre a língua marata, anota-se a presença de professores de sânscrito em Goa e em Lisboa: Mons. Rodolfo Dalgado na Faculdade de Letras na segunda década do século xx (pp. 271-272) e Mariano Saldanha, autor de um *Curso de sânscrito clássico* (Nova Goa, 1916), o qual depois de ter ensinado no Oriente leccionou em Lisboa, primeiro na Faculdade de Letras (1929-1946) e depois na Escola Superior Colonial (1946-1948).

A poesia do século xx tomou consciência do indianismo como tema a explorar. A par de poetas subjectivos, de carácter universal, há vates que remontam a temas indígenas. Entre eles contam-se Paulino Dias (1874-1919) que no poema dramático *Indra* narra a gesta dos arianos na conquista do subcontinente indiano e recorre a temas hindus em poesias como *Deusa de bronze, Vishnual*, etc. (p. 314); Nascimento Mendonça (1884-1926) inspira-se na cosmogonia indiana e nas suas obras clássicas para recriar em *A morta* a história de Râma e Sitâ (pp. 315-316); Sanches Fernandes (1886-1915) foi um dos precursores deste indianismo literário (p. 317); e mais recentemente R. V. Pandit (nascido em 1916), «o mais caracteristicamente oriental dos poetas goeses», adaptou para crianças alguns episódios do *Râmâyana* e do *Mahâ-bhârata* (p. 330).

Os elementos, intencionalmente unilaterais, que acabámos de fornecer de interesse para a filologia indo-europeia facilmente poderão ser completados com a leitura, no 2.º volume, de textos em prosa e verso de português do melhor quilate literário. O trabalho de Vimala Devi e de Manuel de Seabra representa um esforço coroado de êxito para nos apresentar ao vivo uma literatura cujo valor é geralmente ignorado e cujo futuro, após a ocupação de Goa pela União Indiana (1961) antevemos seriamente ameaçado.

J. G. F.